

“Nuas e Vestidas”, de Cristina Salgado, na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ



Foto: Pat Kilgore

*Exposição reúne um conjunto de obras produzidas em 2026
e desenhos realizados entre 2015 e 2021, tendo o corpo como fio condutor*



Fotos: Pat Kilgore



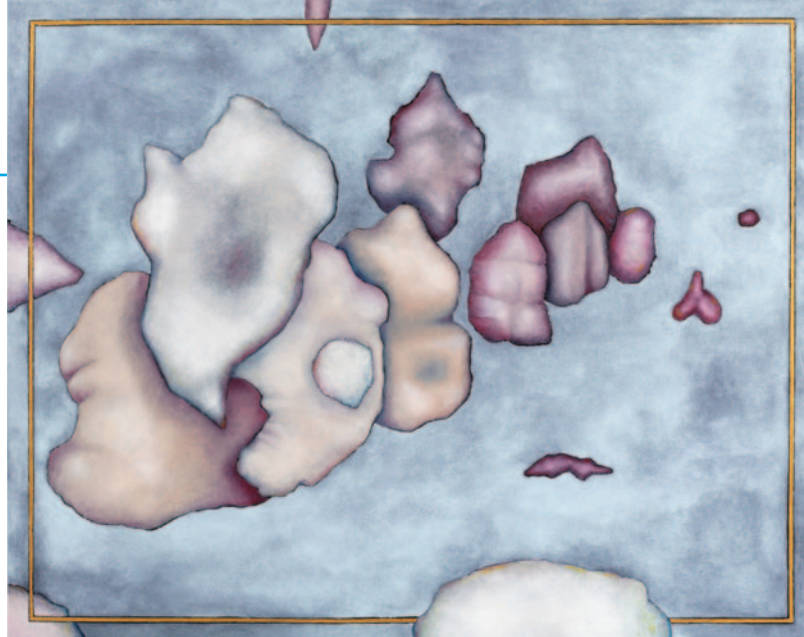
Com curadoria de Ulisses Carrilho, a mostra reúne pinturas inéditas, trabalhos tridimensionais e recortes em MDF produzidos neste ano; e 11 desenhos realizados entre 2015 e 2021. O corpo, presença constante na produção da artista desde os anos 1980, atravessa todo o conjunto, surgindo fragmentado, revestido, suspenso ou associado a objetos e elementos do universo doméstico.

A exposição sucede *A Mãe Contempla o Mar*, instalação apresentada no Octógono da Pinacoteca de São Paulo até o último dia 2 de agosto – considerada, por Cristina Salgado, o trabalho mais importante que realizou até hoje. Ao retornar ao Rio, a artista começou praticamente do zero a produção para a individual na Anita Schwartz. Alguns elementos daquela instalação rea-

parecem, transformados em *Nuas e Vestidas*, como as cadeiras, os volumes corporais e a presença de materiais que revestem, atravessam e prolongam as formas.

Um dos conjuntos centrais da exposição é a nova série “*Cadeiras gente*”. A artista desenhou cadeiras de madeira de linhas simples, próximas do mobiliário cotidiano, e as revestiu com tapete vermelho. Delas brotam formas que evocam corpos e elementos reconhecíveis: uma figura com sapato de salto, outra de cintura marcada e uma pequena casa coberta por veludo molhado, que remete a um tricô.

O contraste interessa à artista: de um objeto doméstico deliberadamente simples emergem formas estranhas,



Fotos: Pat Kilgore

sensuais ou inesperadas. *“As cadeiras têm um desenho muito proletário. Parecem um pouco cadeiras de cozinha”*, diz Cristina. A aproximação entre corpo, mobiliário e espaço doméstico recupera uma operação presente há décadas em sua produção, na qual poltronas, cadeiras, mesas e outros objetos deixam de funcionar apenas como cenário e passam a participar da própria constituição das figuras.

A materialidade também ajuda a explicar o título da exposição. *“Nuas”* remete diretamente à individual homônima que Cristina realizou em 1999, no Paço Imperial. Naquele momento, a artista apresentou trabalhos em papel machê em um tom rosado, próximo à pele. Mais de duas décadas depois, acrescenta ao título o termo *“vestidas”*, em uma referência literal aos novos corpos revestidos de tecidos e às próprias cadeiras cobertas por tapete. *“São corpinhos, pequenos volumes, que são forrados com tecidos estampados”*, explica.

O revestimento não é um recurso novo em seu vocabulário: Cristina começou a utilizar tapetes em seus tra-

balhos nos anos 2000 – e o material tornou-se uma espécie de pele, que recobre corpos e objetos.

Essa relação entre superfície e interioridade percorre *Nuas e Vestidas*. *“São corpos constituídos de espaço negativo, de oco e de vazio”*, observa Ulisses Carrilho. Para o curador, a abertura desses corpos é uma característica decisiva da produção da artista. *“O corpo é sempre esse fio condutor do trabalho dela”*, afirma.

Outra novidade da exposição é *“Mulheres azuis”* (2026), série de cinco trabalhos construídos a partir de recortes de MDF com pintura automotiva. As formas corporais são recortadas em chapas que se encaixam e avançam da bidimensionalidade para o espaço. O procedimento estabelece ainda uma conexão com trabalhos do início da trajetória de Cristina, quando a artista já utilizava recortes de madeira para construir imagens que se projetavam no espaço.

A verticalidade aparece de maneira mais radical em *“Mulher alta”* (2026), corpo de 2,80 metros, construído

com tapete, tubos de borracha e parafusos de aço; obra suspensa, ligeiramente afastada do chão, como se levasse no espaço expositivo. Ao longo da exposição, a variação de escalas – do diminuto a dimensões superiores às humanas – desestabiliza a relação do visitante com esses corpos.

Cristina também retorna à pintura com a série inédita *“Transcendentais”* (2026), formada por cinco óleos sobre tela. A decisão surgiu de um desejo muito direto da artista, depois da experiência da Pinacoteca: *“Eu queria pintar”*. Nas novas pinturas, formas orgânicas continuam sugerindo corpos, órgãos, fragmentos e entranhas, mas tornam-se menos identificáveis. Para Carrilho, há nesses trabalhos uma inflexão na produção de Cristina, em que a figura permanece presente sem necessariamente se estabilizar em uma representação. A artista, no entanto, resiste a separar essa experiência do restante de sua trajetória. *“É sempre um corpo. Mesmo quando não é”*, resume.

Completam a exposição 11 desenhos, realizados em diferentes momentos: sete pastéis de 2021, dois desenhos de 2019 e um trabalho em guache e nanquim de 2015. A presença dessas obras anteriores amplia as conexões entre a produção recente e procedimentos que Cristina vem desenvolvendo ao longo do tempo: corpos atravessados por vazios e aberturas, formas orgânicas, fragmentação e uma oscilação constante entre interior e exterior. *“Ela vai com facilidade do último trabalho ao primeiro. Há um tempo mais espiado e menos linear”*, observa Carrilho.

Integrante da histórica exposição *Como Vai Você, Geração 80?*, realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Cristina Salgado (Rio de Janeiro, 1957) construiu uma trajetória singular dentro de sua geração. Sua produção avançou por desenho, pintura, objetos e trabalhos tridimensionais, tendo o corpo, especialmente o feminino, como território recorrente de investigação.

SERVIÇO

Nuas e Vestidas, de Cristina Salgado

Até 10 de outubro

Anita Schwartz Galeria de Arte

R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 12h às 18h

www.anitaschwartz.com.br



Foto: Pat Kilgore